

Helena Silveira vê TV



Em "Vivo o MPB", Alegria, Alegria, coubou o Djavan.

Uma finalíssima sem muito brilho

Música popular como a música erudita, como a literatura ou outra qualquer forma de arte, antes de mais nada, sofre um processo de interiorização. Quase todo o casal é "donor" de uma música. Ela veio do tempo de Bing Crosby, de Frank Sinatra ou de Dick Farney ou Caubi Peixoto, depois foi o moço Roberto Carlos quem cantou o amor-dancado. E na escala da música sinfônica ou de câmara, Chopin, via de regra, Debussy e Tchikovski, fazem os gostos dos nostálgicos e muitos também se amaram em nosso Villa-Lobos.

O critério de escolher-se as "melhores" de nossa MPB seria ir pela permanência de cada uma através dos tempos. Não imagino, por exemplo, gente com dor de cotovelo que não deixe pingar lágrima em mesa de bar ao som de "A Noite de Meu Bem", de Dolores Duran, de "Atrás da Porta", de Chico Buarque, de "Esses Moços, Pobres Moços", de Lupicínio Rodrigues. Todavia, como, que eu saiba, não existe mediador de dor no osso do poleco cotovelo e como se pode discutir que uma coisa é a canção lacrimogêna, outra coisa é a canção com sua beleza de letra e música, está visto que esse critério nostálgico não serviria. E inclusive, parece que mesa de bar só ficou em "Ronda", de Paulinho Vanzolini, e "Tango Para Tereza". Os cotovelos passaram a doer em lugares muito sofisticados como "Região", "Gallery" e correlatos.

Enfim, lançando a série de espetáculos com o nome de "Viva a Música Popular Brasileira", Fernando Faro quis que os críticos mais competentes percorressem 80 anos de canções e trassem desses tempos 96 que seriam exibidas em oito apresentações e, democraticamente selecionadas através de votação do público, chegando-se a uma síntese de 14. A finalíssima com o show das escolhidas, show de antologia musical, realizou-se no Teatro Zôccaro. Houve calor, entusiasmo, na plateia. Claro que nem tudo correu maravilhosamente bem. Alguns intérpretes não estavam nos melhores dias, alguns

arranjos mexeram tanto com as melodias que acabaram por criar outras músicas. E acredito que muita gente ficou pensando na "sua" música, aquela que se interiorizou, que virou propriedade como se fosse papel passado em cartório, com chance de tabelião.

O encerramento não deixou de entusiasmar. Gonzaguinha puxando e o elenco inteiro cantando "Trem das Onze", de Adoniran Barbosa. Quanto a mim acho que Sílvia Maria foi sobria em "Travessia", de Milton Nascimento, mas falta à cantora de beleza um pouco de vibração. "Asa Branca", de Luis Gonzaga, de letra tão trião, virou um forró adoidado no acordeon de Dominguos.

"Feito de Oração", de Noel e Vadioco, ficou mesmo uma espécie de letra sussurrada na brandura de voz de Paulinho da Viola. E não podia deixar de acontecer "Carinhoso", de mestre Pixinga e João de Barros, a que Jesus deu interpretação muito boa. Já Djavan espantou bastante com "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso. Se caetéssemos mais, iriam encontrar coisa bem melhor como "Sampa" e outras cantantes. "Alegria, Alegria" valeu no "Festival" pelo descompromisso, pelo prazer de existir do bicho baiano Veloso. Com arranjos e os fechos quase sempre fechados de Djavan, não deia pra sentir alegria, mesmo.

Coisa boa dessa sequência foi o homenagem feita a Elis Regina e que teve (ou terá?) repetido. Para remata dessa antologia, estranho que "O Bebado e a Equilibrada", "Romaria", "Aquarela do Brasil" tivessem passado e escurido pela peneira da votação. Mas tarde quero ouvir Elis: "Sou caipira, pirapora, Nossa Senhora d' Aparecida".

Com "Construção", de Chico, seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, deve ter edificado seu quartinho lá no céu. São coisas. São músicas. Muitas a gente ouve, gosta, mas escorem por nossa pele como chuva em capa de oleado. Outras grandes, incorporam-se, tornam-se vivências...



O Grupo dos Cinco, característico do modernista Anita Malfatti.



Os traços vigorosos de Cândido Portinari, presentes neste gravuro.

Figuras, onde Flávio de Carvalho antecipou a série erótica de Picasso.

Do modernismo à bienal, no MAM

ANTÔNIO GONÇALVES FILHO
Das primeiras manifestações modernistas na pintura brasileira, caracterizadas por influências nitidamente expressionistas, até a ruptura definitiva com o figurativo e a linguagem acadêmica, após o advento da primeira Bienal, em 1951, a nova exposição que o Museu de Arte Moderna (MAM) abre hoje, às 19 horas, "Do Modernismo à Bienal", consegue reunir os nomes mais representativos que usaram romper com os cânones acadêmicos, de Anita Malfatti ao provocativo Flávio de Carvalho, entre meia centena de superistas da pintura brasileira.

No entanto, segundo uma de suas organizadoras, a especialista Lisa Kawaii Leal Ferreira, o agrupamento de tais obras visa, prioritariamente, transmitir "uma visão global, mostrando quadros que não são de fácil acesso ao público comum". Nenhuma dúvida a respeito. Afinal, conseguir o famoso óleo "Abapuru" (1928), de Tarsila do Amaral, marco do movimento antropofágico hoje avaliado em Cr\$ 40 milhões, não é obviamente, uma tarefa fácil. Sorte que o colecionador Eriko Stückel não se mostrou tão inflexível quanto outros colecionadores particulares, desde já os principais culpados se alguém julgar a exposição pouco meros do que perfeita.

Durante quatro meses Lisa Ferreira, assistida por Ruth Sprung Tarasanchi com a colaboração de outras quatro profissionais, saiu à procura de colecionadores e museus dispostos a montar esse imenso painel da arte moderna brasileira, selecionando 57 nomes, de Anita Malfatti



Uma belíssima "Polseggem", de Clóvis Graciano, realizada em 1944.

ao surrealista Walter Lewy, passando por todo o grupo Santa Helena — Rebelo, Rizzotti, Bonadei, Volpi, Ademir Martins, Zanini, Clóvis Graciano, Penacchi —, os japoneses Takao e Tomoo Handa e preciosidades de Mário Gruber, John Graz, Ismael Nery, Segall, Panetti. Enfim, uma lista infatigável de monstros modernistas.

Contemporaneidade e nacionalismo misturam-se num jogo lúdico representado por uma exposição que não negligencia referências didáticas, como lembra Ruth Tarasanchi, uma das organizadoras. "Basicamente, os quadros e esculturas expostos pertencem aos corpos do Lázar Segall, do Instituto de Estudos Brasileiros, do MAC e do MAM, além de co-

leções particulares. Procuramos, através dos painéis expostos ao lado das obras, explicar a evolução da linguagem pictórica, desde as primeiras manifestações modernistas, influenciadas pela vanguarda europeia, à tentativa de uma linguagem abstracionista, com a primeira Biennial."

Desse modo, identifica-se, nos quadros de Oswald de Andrade Filho, o antirracismo de Chagall, que marca também as obras de Oscar Dias expostas na mostra (especialmente em "Chegada de Muratori" de 1929) e a belíssima aquarela de Santa Rosa, "Estrela Matutina", pertencente ao acervo do IEB. Em contrapartida, entre os 181 quadros ex-

postos, há lugar para preocupações revolucionárias, fruto das decepções advindas do período posterior à instalação da República Nova — o Portinari vigoroso de "Colheita Batata" e as tristes figuras de Clóvis Graciano.

Há indústrias surpresas na exposição do MAM: Yolanda Mohalyki está representada por três óleos — inatendível prosa — figurativos, realizados entre 1938 e 1940, antes de a artista ter embarcado nas promissoras águas do abstracionismo; um ousado desenho no melhor estilo hardcore do debochado Flávio de Carvalho, precursor da famosa série erótica do mestre Picasso; o colorido fauve do injustiçado Luis Sacilotto e dois maravilhosos auto-retratos de Carlos Scliar, um deles da época em que o pintor participava da campanha da Itália, em 1945.

Talvez seja, inclusive, mais que uma simples curiosidade deter-se na observação detalhada desses quadros. Há, por exemplo, obras de Lótar Charoux indetectáveis, comparadas a obras posteriores, em particular um retrato de Marcello Grassmann, de 1947. Os paisagistas — Panetti, Guignard —, por outro lado, constituem o contraponto da ousadia de Charoux. Enfim, entre vanguardistas radicais e cuidadosos artesãos, há lugar para todos.

A exposição "Do Modernismo à Bienal" ficará aberta até o próximo dia 4 de julho, com ingressos a Cr\$ 50 e Cr\$ 20, todos os dias, das 14 às 19 horas, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (Parque Ibirapuera). Estarão à venda catálogos e posters das obras expostas.

A voz e os quadros de Nonê

PEDRO DEL PICCHIA

"Humano, alegre, otimista, cheio de surpresas", é como Adelaide Guerrini de Andrade recorda o marido Oswald de Andrade Filho, o Nonê, perdido há uma década. E ela o lembra no momento em que uma mestra "Nonê, Dez Anos Depois" — homenagem à memória do artista plástico. A exposição será inaugurada hoje, às 20 horas, pela própria Adelaide no Espaço Pirandello, à rua Augusta, 311.

Em meio a inumeráveis obras do marido, na confortável casa térrea de Moema, em que com ele passou "alguns dos melhores anos da vida", Adelaide conta como surgiu a idéia para a exposição que recentemente organizou, e ao ver as coisas do Nonê imediatamente propôs a homenagem.

Junto a suas filhas Inês e Pilula (Bárbara Heliodora), ela explica "não se trata de uma retrospectiva" da obra de Andrade Filho, sendo apenas uma "exposição de óleos, desenhos e memórias". Da mostra constam 35 telas das três fases — surrealista, antropofágica e primitivista — do pintor, 26 desenhos e 27 pratos racionais pintados a mão e pertencentes a dois diferentes aparelhos de jantar, cujas peças foram gravadas uma a uma por Nonê.

Durante todo o mês de junho, quem for ao Pirandello ver as obras de Oswald de Andrade Filho poderá ainda ouvir sua voz gravada em fitas registradas durante palestras e conferências sobre história da arte, que profetia.

NOS ANOS 60

A maior parte das obras plásticas em exposição foram pintadas nos anos 60, isto porque, lembra Adelaide, "na década de 50 enfrentamos problemas financeiros que dificultavam até a compra de tintas para Nonê trabalhar". Mas, apesar dos áspers pedaços da vida atravessados juntos, ela recorda o pintor como um "artista irrecuperável, uma pessoa alegre que relevava as dificuldades com tal dose de humor, capaz de nos fazer rir a toda a família".

Garante Adelaide que "as finanças complicadas e a saúde abalada" não impediram Oswald de Andrade Filho de debruçar-se com amor sobre o trabalho. "Ele passou a vida pesquisando, sempre querendo fazer mais. Quando pintava, pensava em escrever, e vice-versa, atendendo que"



Dr. Adelaide inspirou o telenô, Oswald de Andrade Filho.

tempo seria pouco para realizar o que desejava.

Nonê convite para a abertura da mostra, distribuído pelo Espaço Pirandello e pela Livraria Cultura (coproprietadora do evento), Adelaide Andrade, que ali assina Laidinha, como Nonê carinhosamente a chama, fala da vida doméstica do artista, lembrando que "ele vivia para a casa e sempre que podia em casa. Problemas de fora não entravam e pintava ouvindo música: Villa-Lobos, Vivaldi, Mozart, Haydn, Bach. Conhecida bem a música popular, a folclórica e suas histórias".

"NÃO MAIS QUE DE REPENTE" "Ele foi um bom filho, um bom irmão, um bom pai e um grande companheiro. Morreu como queria: em Guarulhos, de repente, não mais do que de repente. Este era o meu Nonê", escreve Adelaide Andrade no convite.



Nonô mostra, também um auto-retrato.

Seja no trânsito ou na estrada. Seja no sol ou na chuva, seu carro é sempre solicitado ao máximo. Saia do lugar comum. Ultrapasse seus horizontes. Exija o máximo de seu carro também. Exija a força máxima de Esso Super.

ESSO
FORNHA
SUPER
COMBUSTÍVEL